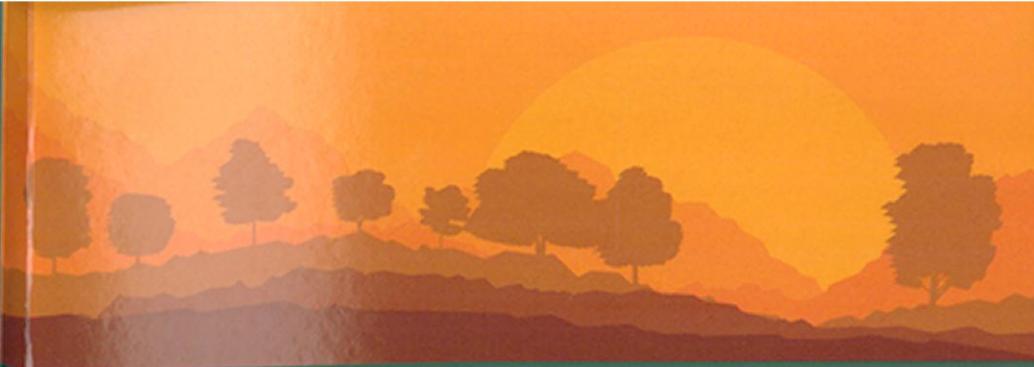
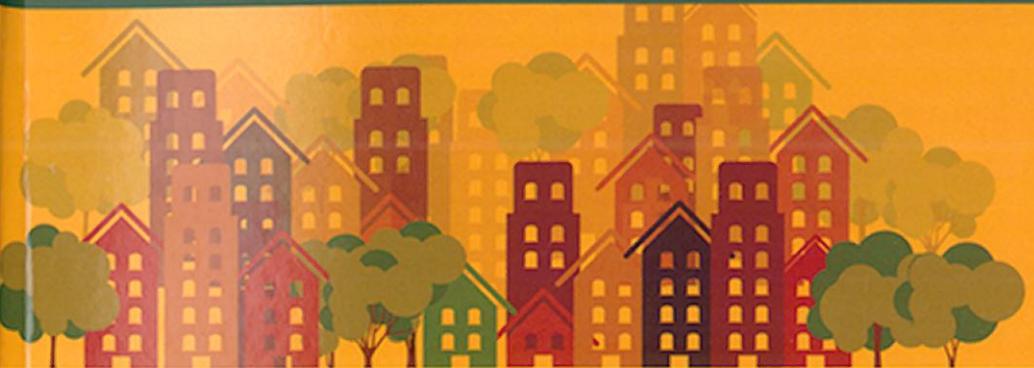


Turismo rural em tempos de novas ruralidades



# Turismo rural em tempos de novas ruralidades



Artur Cristóvão  
Xerardo Pereiro  
Marcelino de Souza  
Ivo Elesbão  
ORGANIZADORES



  
**UFRGS**  
EDITORA

**PGDR**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM GEOGEOGRAFIA RURAL - UFRGS

## APRESENTAÇÃO

A 8ª edição do CITURDES (Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável) realizada em Chaves, Portugal em 2012 teve como objetivo refletir sobre o papel do turismo em contextos de pós-ruralidades (usando terminologia anglo-saxônica) ou nova ruralidade, segundo as perspectivas teóricas adotadas. Nesses novos contextos, os turistas encontram-se não apenas com os velhos residentes rurais, mas também com novos habitantes neorrurais, recém-chegados, regressados ou outros que se deslocam ao rural à procura do que imaginam ser uma melhor qualidade de vida. Esta “translocalidade”, que questiona a falsa e simplista dicotomia rural/urbano (PEREIRO, 2005), é especialmente relevante quando falamos de turismo rural e desenvolvimento sustentável, pois observa-se uma mistura complexa de agentes sociais que reconstróem e ressignificam os tradicionalmente chamados espaços rurais. É o que Oliva (2010) denomina como *new rural melting pots*, para os quais contribui decisivamente o turismo rural associado às ideologias da renaturalização e da patrimonialização cultural.

É preciso pensar o rural como parte de um território alargado, globalizado e urbanizado, e também como parte de um processo histórico de movimentos de população, e não como uma categoria absoluta e oposta ao urbano. Dito de outra forma, o rural é uma metáfora, o que nos leva a aprofundar nos seus significados e a questionar as mudanças socioculturais. Os tradicionalmente denominados espaços rurais estão se redefinindo em todo o mundo (CLOKE; MARSEN; MOONEY, 2006; PLOEG, 2010) e de modo particular na Península Ibérica (GARCÍA SANZ, 1994; PEREIRO, 2005; ROSEMAN, 2008; SILVA, 2009). Os denominados novos camponeses, neorrurais e rurbanos adquiriram bastante protagonismo na redefinição dos velhos espaços rurais. Decerto, estamos a observar um conjunto de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais dos sentidos do lugar “rural”, e torna-se necessário repensar tais transformações do ponto de vista teórico, metodológico e também na perspectiva da intervenção-aplicação de políticas, programas e projetos.

Nesta ótica, entendemos o conceito de novas ruralidades (ENTRENA DURÁN, 1998; COVAS, 2008; OLIVA, 2010; PEREIRO, 2012) como uma ferramenta analítica útil para compreender as transformações rurais contemporâneas. Mas quais são os fatores de mudança que levam a essas novas ruralidades? Entre os processos socioeconômicos estruturais, destacamos o impulso do tardocapitalismo, a globalização, o consumismo, a poluição insustentável, as agressões ao meio ambiente, os abusos de poder do sistema agroalimentar global e capitalista, e a “crise”. Entre os processos ideológicos associados aos anteriores, destacamos o pastoralismo (MARX, 1964, 1976), o naturalismo, a patrimonialização, o ambientalismo (reservas naturais, parques, etc.), o ecologismo e outros movimentos sociais alternativos (por exemplo, o decrescimento, o turismo responsável, a soberania alimentar, a permacultura, as redes alimentares cívicas). Estes processos ideológicos não estão isentos de uma certa idealização e romantismo, que mitificam um passado rural, imaginado sem a dureza e dificuldade das suas culturas de trabalho. Entre os processos sociais ligados aos anteriores, são de sublinhar as novas culturas de mobilidade urbano-rural, as novas valorizações dos produtos agroecológicos, locais e “saúdáveis”, as fugas ao estresse urbano, o repovoamento rural e a venda de casas rurais.

É neste quadro de reconversão simbólica e identificatória do rural que o papel do turismo rural tem sido no nosso entender, muito importante, reforçando o seu caráter multifuncional. O turismo rural pode ser visto como uma invenção do mercado e do poder dominante para redefinir o espaço rural, cada vez menos agrário e mais urbanizado. Através do Turismo em Espaço Rural (TER), o urbano reconquista o rural e reincorpora-o no mercado global. O rural é convertido em produto e mercadoria que circula em espaços globais e que oferece um pacote emocional que proporciona “tradição”, “autenticidade”, “naturalidade”, “alterotropia”. Todos eles são considerados valores perdidos nos meios urbanos. Desta forma, são ativados repertórios culturais, até ao momento pouco conhecidos, e também menosprezados, nos quais se investem (por exemplo, em infraestruturas de comunicação e alojamento) para obter ganhos mercantis. Este novo tipo de oferta turística encontra-se nos discursos sobre desenvolvimento local na Europa e noutros que se dirigem para um mundo rural recriado, como núcleo de tradições

perdidas pela modernização (AGUILAR CRIADO, MERINO BAENA, MIGENS, 2003).

O espaço rural deixa de ser única e exclusivamente um espaço de produção agrária para converter-se em espaço de consumo. Poderíamos afirmar que o espaço rural passa a elaborar novas produções (paisagem, ruralidade, tranquilidade, raízes, identificações, património cultural e natural) para a sua reprodução socioeconômica. O agro e o agrário passaram a ser “rural” e “campo”, e o turismo rural pode ser pensado como um produto e uma nova forma de consumo. Assim entendido, o turismo rural é um motor e uma consequência dessa mudança cultural (SANTANA, 2000). Portanto, podemos pensar que o turismo rural é também uma manifestação da mudança das sociedades agrárias e industriais para sociedades pós-industriais (PORTELA; CASTRO CALDAS, 2003; FIGUEIREDO, 2011).

Este livro trata-se de uma coletânea das palestras e de artigos apresentados no Congresso que foram especialmente escolhidos para compor esta obra.

No primeiro capítulo desta coletânea, intitulado “Turismo rural de segunda geração: prioridades e questões de pesquisa”, Bernard Lane examina e discute as prioridades de pesquisa em turismo rural nos próximos anos, explorando maneiras de cumprir essas prioridades. A discussão gira em torno do conceito emergente de turismo rural de segunda geração.

No segundo capítulo, intitulado “A experiência integral de turismo em meio rural – conceptualização na perspectiva do turista e reflexão sobre a natureza da experiência turística, com base em dados recolhidos em 3 Aldeias portuguesas”, Elisabeth Kastenholz apresenta parte do trabalho desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação que analisa a natureza da experiência turística global no meio rural. Foram realizadas entrevistas em profundidade com os visitantes de três Aldeias em Portugal visando a uma compreensão aprofundada das experiências turísticas vividas. Os resultados revelam que as Aldeias são imaginadas como espaços de oposição ao urbano e às respectivas associações negativas, ideais para descansar, recuperar forças e conhecer o “autêntico”, as “tradições” do espaço rural, verificando-se um potencial para enriquecer estas experiências.

No capítulo “O turismo natureza como potenciador das singularidades territoriais: o caso do pedestrianismo em Portugal”, Graça Ezequiel e Mário Carvalho procuram demonstrar que o turismo natureza em Portugal contribui para a sustentabilidade dos territórios. Com base em uma análise conceitual, os autores buscam compreender o impacto das atividades de natureza enquanto estratégia para o posicionamento competitivo dos territórios, bem como para a satisfação e o bem-estar dos clientes. Ainda que em algumas situações possa contribuir para o constrangimento do território, o pedestrianismo assume-se como prática desportiva de forte resposta às singularidades territoriais.

Os autores Marcelino de Souza e Angela Luciane Klein apresentam, no capítulo “A função educacional das propriedades rurais e o turismo rural pedagógico: duas experiências no Sul do Brasil”, os resultados de pesquisa que teve como objetivo analisar as atividades de turismo rural pedagógico enquanto prática educativa a ser desenvolvida em complemento ao ensino escolar. Com base em pesquisa bibliográfica, na observação das atividades e em entrevistas semiestruturadas, os autores concluem que as atividades desenvolvidas em tais empreendimentos, apesar de apresentarem suas especificidades, contemplam características semelhantes. Concluem também que o turismo rural pedagógico desempenha importante função socioeducativa, na medida em que contribui para o aprendizado das crianças, favorecendo a integração entre campo e cidade e a valorização dos saberes-fazer dos proprietários rurais.

No capítulo intitulado “Festas rurais tradicionais: novas destinações turísticas?”, Maria Geralda de Almeida apresenta alguns argumentos sobre o caso das festas tradicionais, enquanto patrimônio cultural, que têm a pretensão de serem locais e estão atraindo a atenção do turismo. Com base em entrevistas, observações participantes, consultas a *sites* e às bibliografias em dois estudos de caso: a Festa de Folia de Reis em Goiás e a Festa do Campazulense de um município de Minas Gerais, a autora coloca que as festas persistem como celebrações, embora acelere o processo para tornarem-se festas de representações face à turistificação.

No capítulo “Aldeias vinhateiras, turismo e desenvolvimento local: os casos de Salzedas e Ucanha”, Rosário Melides e Artur Cristóvão analisam o Programa Aldeias Vinhateiras em Portugal, com enfoque especial

nos casos das aldeias de Ucanha e Salzedas. Através de uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas, os autores buscaram compreender a dinâmica criada, os impactos na qualidade de vida, a criação de emprego, os acréscimos na atratividade turística, o funcionamento em rede das aldeias e a visão global sobre a “saúde” das aldeias e o seu futuro. Os dados evidenciam que a qualidade de vida melhorou e as aldeias são mais conhecidas, mas que o êxodo populacional continua, sendo muito “sombrias” as perspectivas futuras. Por outro lado, a dinâmica em rede entre as seis aldeias não funciona e o compromisso institucional com a continuidade do programa não existe.

Em seu capítulo intitulado “Enogastronomia e turismo no espaço rural: o Vale dos Vinhedos – RS/Brasil”, Susana Gastal e Krisciê Pertille buscam uma melhor compreensão da enogastronomia praticada no Vale dos Vinhedos, região de turismo rural no sul do Brasil utilizando princípios do *Slow Food*, movimento hoje internacional pela qualificação do consumo e preparo de alimentos. A discussão teórica aproxima a gastronomia a questões de identidade e turismo. Com base em entrevistas com profissionais enogastrômicos, as autoras identificam a necessidade de qualificação dos processos locais, indicando para tal a criação de redes que promovam intercâmbios de informações e consequente fortalecimento da identidade enogastrômica.

No capítulo intitulado “Turismo rural e comida em contexto de hibridismo cultural”, Ana Maria Costa Beber e Renata Menasche analisam as mudanças socioculturais através dos saberes e práticas alimentares como produto do turismo rural inserido em contexto de hibridismo cultural, quando costumes herdados da população receptora tornam-se também produto de consumo para o turista. Com base na observação participante e entrevistas em profundidade, as autoras destacam que, na interação com o turista, é reforçada entre os familiares a noção de comida como patrimônio familiar, ou seja, como marcador de identidade. Ao mesmo tempo, dá-se a incorporação de novos ingredientes e modos de preparo, associados à “comida da cidade”, que estão lado a lado, nas mesas, com aqueles tradicionais, as “comidas nossas”.

O capítulo de José Manuel del Barrio Aliste, “La sociedad rural: un viaje de ida y vuelta”, chama a atenção que, no atual contexto da sociedade da informação, existem inúmeros exemplos que confirmam certas

recuperações da sociedade rural que têm a ver com o consumo desenfreado de sinais e símbolos rurais. Buscando responder a que se deve essa nova e frenética reconversão econômica, social, simbólica e cultural, o autor afirma que este suposto processo revitalizador e inovador dos territórios rurais foi parte de um processo de mudança social, que apenas é controlado pelos habitantes do meio rural. Portanto, se esta explicação estiver correta, se comprovaria uma vez mais que a sociedade rural segue estando subordinada aos interesses das populações de fora. No passado, para depreciá-la e desacreditá-la, e agora para utilizá-la como novo objeto de consumo.

Por fim, no capítulo “O turismo no contexto das transformações do espaço rural brasileiro”, Ivo Elesbão analisa algumas das principais mudanças que ocorreram no espaço rural brasileiro, buscando discutir o desenvolvimento do turismo rural nesse contexto e alguns dos seus principais efeitos. Tendo como base a pesquisa bibliográfica e utilizando dados censitários, o autor constata que há um número pouco significativo de estabelecimentos agropecuários com receita de turismo rural, se considerado o total de estabelecimentos agropecuários brasileiros. No entanto, o turismo é uma atividade que, pelo seu efeito multiplicador, pode contribuir de maneira efetiva na dinamização do espaço rural.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR CRIADO, E.; MERINO BAENA, D.; MIGENS, M. Cultura, políticas de desarrollo y turismo rural en el ámbito de la globalización. *Horizontes Antropológicos*, v. 9, n. 20, p. 161-183, Oct. 2003.
- CLOKE, P.; MARSEN, T.; MOONEY, P. (Ed.). *Handbook of Rural Studies*. London: Sage, 2006.
- COVAS, A. *Ruralidades III*. Temas e problemas da ruralidade pós-agrícola e pós-convencional. Faro: Universidade do Algarve, 2008.
- ENTRENA DURÁN, F. *Cambios en la construcción social de lo rural*. De la autarquía a la globalización. Madrid: Tecnos, 1998.
- FIGUEIREDO, E. (Coord.). *O rural plural: olhar o presente, imaginar o futuro*. Castro Verde: 100Luz, 2011. (Territórios da Mudança).

GARCÍA SANZ, B. Nuevas claves para entender la recuperación de la sociedad rural. *Papeles de Economía Española*, n. 60-61, p. 204-218, 1994.

MARX, L. *A vida no campo e a era industrial*. São Paulo: Melhoramentos; Edusp, 1976.

\_\_\_\_\_. *The Machine in the Garden: technology and the pastoral ideal in America*. New York: OUP, 1964.

OLIVA, J. Rural melting-pots, mobilities and fragilities: reflections on the Spanish case. *Sociologia Ruralis*, v. 50, n. 3, p. 278-295, 2010.

PEREIRO, X. P. *Galegos de vila: antropoloxía dun espazo rurano*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco, 2005.

\_\_\_\_\_. *O fin? Do rural? Galego?* Ourense: Difusora das Letras, Artes e Ideias, 2012.

PLOEG, J. D. *Nuevos campesinos: campesinos e imperios alimentarios*. Barcelona: Icaria, 2010.

PORTELA, J.; CASTRO CALDAS, J. (Org.). *Portugal chão*. Oeiras: Celta, 2003.

ROSEMAN, S. R. *O Santiaguíño de Carreira: o rexurdimento dunha base rural no concello de Zas*. A Coruña: Baía Edicións, 2008.

SANTANA, A. O rural como produto turístico: algo de novo brilha sob o sol? In: SERRANO, C. et al. (Org.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000. p. 151-171.

SILVA, L. *Casas no Campo: etnografia do turismo rural em Portugal*. Lisboa: ICS, 2009.

**Artur Cristóvão,  
Xerardo Pereiro,  
Marcelino de Souza,  
Ivo Elesbão (Orgs.)**